PREZADOS SENHORES, PREZADAS SENHORAS, ADELLE DE OLIVEIRA![*]

Edna Maria Rangel de Sá (UFRN)

RESUMO: Apresentação dos dados biográficos de Adelle Sobral de Oliveira, que nasceu em Villar, um lugarejo do Município de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, em 22 de maio de 1884. Filha de João Henrique de Oliveira e Ana Sobral de Oliveira, teve duas irmãs, Maria Anita e Mariê. Ainda criança, partiu com a família para Belém do Pará onde estudou as primeiras letras, retornando já moça ao Vale do Ceará-Mirim. Foi professora, fundou e manteve um externato misto, foi poeta e jornalista. Criou e dirigiu o jornal manuscrito *O Sonho*, que circulou mensalmente, de 1905 a 1910, com textos direcionados à mulher.

Palavras-chave: Adelle de Oliveira, Poesia, Educação, jornal manuscrito.

ABSTRACT: Presentation of the biographical data of Adelle Sobral de Oliveira was born in Villar, a small village of Ceará-Mirim, in Rio Grande do Norte, in the 22nd of May, 1884. She was the daughter of João Henrique de Oliveira and Ana Sobral de Oliveira and she has two sisters, Maria Anita and Mariê. Adelle was still a child when she left with her family to Belém, in Pará, where she studied the first years, returning as a young woman to her hometown. She was a teacher, founded and kept a coed day school, being a poet and a journalist. She created and managed the handwritten newspaper *O Sonho*, which was launched monthly from 1905 to 1910, with texts to the female public.

Key-words: Adelle de Oliveira; poetry; education; handwritten newspaper.

[*] O texto ora apresentado é parte da Tese de Doutorado de Edna Maria Rangel de Sá, professora da UFRN/ECT e do PPGeL/ Letras. E mail: ednarangel1@yahoo.com.br.

> A missão do biógrafo seduziu minha imaginação: a idéia de compreender um ser humano tão completamente como uma pessoa poderia compreender outra, de afundar-me numa vida que não a minha, de ver o mundo por meio de olhos novos, de seguir alguém pela infância e por seus sonhos, trilhando a variedade de seus gostos. (BOTTON, 2000, p. 14).

Fonte: arquivo particular de Gibson Machado.
Da esquerda para direita, Maria Anita Sobral de Oliveira, Ana Sobral de Oliveira, Maria Tereza Sobral de Oliveira, João Henrique de Oliveira e Adelle Sobral de Oliveira (1889).

1. Ceará-Mirim: o acender da chama

> O ineditismo na vida intelectual de Adele de Oliveira é um fato que deveria ser estudado separadamente, visto que há muita versão e mesmo depois de muitas entrevistas com a poetisa jamais ela revelou, aquela simplicidade quase irritante. E, como dissemos-lhe certa vez,[...] jamais compreendíamos a sua vida enclausurada, isto é, afastando-se voluntariamente do grupo de intelectuais de sua época. (SARAIVA, 1983).

Antes de apresentarmos nossa biografada, achamos oportuno e producente tecermos algumas considerações a respeito do gênero biografia.

Segundo Le Goff (*Apud* PINSKY, 2005, p. 209), em artigo publicado, em 1989, no jornal francês *Le Débat*, "A biografia é um complemento indispensável da análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos. A biografia é o ápice do trabalho do historiador".

Levillain (2003, p. 145) discute a biografia histórica chamando a atenção para as relações entre o indivíduo e a sociedade de seu tempo.

> A biografia histórica, hoje reabilitada, não tem por vocação esgotar o absoluto do "eu" de um personagem, como já se quis e ainda se quer. [...] Ela é o melhor meio de mostrar os laços entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade e de experimentar o tempo como prova de vida. [...] A biografia é o local por excelência da condição humana em sua diversidade.

Para Bourdieu (1998), existe a crença na ordenação dos acontecimentos de uma vida como uma história com começo, meio e fim, formando um conjunto estável e coerente de questões quanto a sua construção. Ou seja, as biografias, sejam elas quais forem, têm uma preocupação narrativa no sentido de linearidade, de trajetória sem rupturas, algo impensável na narrativa histórica moderna. A despeito disso, a época, o meio e a rede de sociabilidade em que o indivíduo encontra-se inserido devem ser valorizados como fatores capazes de caracterizar a atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias.

O que se busca com a nova biografia histórica é captar o senso de realidade dos problemas sociais através da concretude das experiências de vida. Assim, reconstruímos também o contexto no qual age o indivíduo. É aquilo que Bourdieu (1998) chama de "superfície social": uma pluralidade de itinerários possíveis, de atrações múltiplas, não-lineares e mutantes a todo o momento, o que nos leva, enquanto

pesquisadores, ao agigantado esforço para não construirmos modelos que tratam de uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável.

Evidentemente, uma construção biográfica é uma tentativa de dar sentido, tornar inteligível, descortinar a lógica que rege essa ou aquela escolha dos sujeitos biografados. No entanto, seria uma ilusão, para usarmos um termo do próprio Bourdieu (1998), engessarmos esse sujeito em escolhas homogêneas, não-contraditórias e totalmente conscientes, fazendo da sua história de vida um "artefato socialmente irrepreensível".

Sustentados por estas asseverações a respeito da construção de biografias, passemos a apresentar Adelle de Oliveira a partir do que conseguimos levantar através de entrevistas, pesquisas em variadas fontes e por meio da configuração do seu espaço e do seu tempo e das relações que ali se estabeleceram.

Filha de João Henrique de Oliveira, homem franzino, estatura mediana e pele muito clara, e de Ana Sobral de Oliveira, moça pequena e muito branca, nasce a poetisa Adelle Sobral de Oliveira, em Villar, um lugarejo pertencente ao Município de Ceará Mirim, no Rio Grande do Norte, em 22 de maio de 1884. Era um momento de ebulição sócio-política e econômico-cultural. Estávamos a quatro anos da Lei Áurea (1888) e a cinco da Proclamação da República (1889). O Rio Grande do Norte, no entanto, já se antecipara e quase não havia escravos no Estado.

Adelle de Oliveira teve duas irmãs, Anita Sobral de Oliveira e Maria Tereza Sobral de Oliveira, a Mariê. Ainda criança, por volta de 1889, ano da Proclamação da República, quando tinha, então, cinco anos, foi com os pais e as irmãs para Belém do Pará. Seu pai, de reconhecida natureza nômade, decide ir em busca da riqueza regional, decorrente do ciclo da borracha, divulgada por parentes estabelecidos na região amazônica.

No Pará, a família se estabeleceu e Adelle de Oliveira, juntamente com as irmãs, estudaram, com professores particulares, as primeiras letras. Lá, fizeram amizades, tornaram-se moças, desfrutaram da riqueza regional proporcionada pelo ciclo da borracha. Ali, conviveram com o ambiente cosmopolita trazido de Lisboa pelos jovens afortunados que iam estudar na Europa e pelos imigrantes que chegavam ao Estado. Mariê, irmã de Adelle de Oliveira, chega a ser cortejada por um desses jovens que por ela se apaixona, mas a mãe das moças não aprova o rapaz e tudo não passa dos galanteios.

A família volta, com Adelle de Oliveira já moça, aos quinze anos, em 1899,

dez anos após a Proclamação da República, quando seu pai, vitimado por uma das agressivas doenças tropicais, decide que regressarão para o Vale do Ceará-Mirim na esperança de cura e de uma vida mais tranquila.

Porém, o avançado estágio da doença e seu debilitado estado geral de saúde fazem com que ele venha a falecer durante a viagem de navio e seja sepultado, para a tristeza de Ana, mãe de Adelle de Oliveira, nas profundezas do oceano.

Esse triste acontecimento fez com que Adelle escrevesse seu primeiro poema, *A Bordo,* que transcrevemos a seguir:

Mar e céu. Mar e céu, no convés do navio,
eu contemplava o mar soluçante e bravio.

As ondas majestosas vinham, se espraiavam
em rugidos de dor que nunca se acabavam.

Na linha do horizonte o céu se unia às águas
e tudo tinha tom de tristeza e mágoa

A lua, muito branca, aparecido havia
distendendo no espaço o véu da nostalgia.

Estrelas pequeninas, vi tremeluzindo
como gotas de orvalho numa flor abrindo.

Um bem estar senti, lembrando o paraíso
qual se um grande soluço se transformasse em riso.

É que eu via meu pai há pouco tão doente,
alentado a sorrir para nós calmamente.

Novo alento senti vendo-o assim tão sereno
e sorrindo também bendisse o Nazareno

E dissemos depois, e num pequeno leito
Meu pai deitou-se ainda calmo e satisfeito.

Apenas minha mãe não demonstrava calma
antevendo, talvez, as tempestades d´alma.

Fui repousar de manso e, rezando baixinho
eu pedia a Jesus proteção e carinho.

Ouvi gritos. Corri. Que desespero louco!
Vi imóvel meu pai, tão satisfeito há pouco.

Dir-se-ia dormir, mas seu perfil tristonho
fez-me lembrar de uma alma o derradeiro sonho.

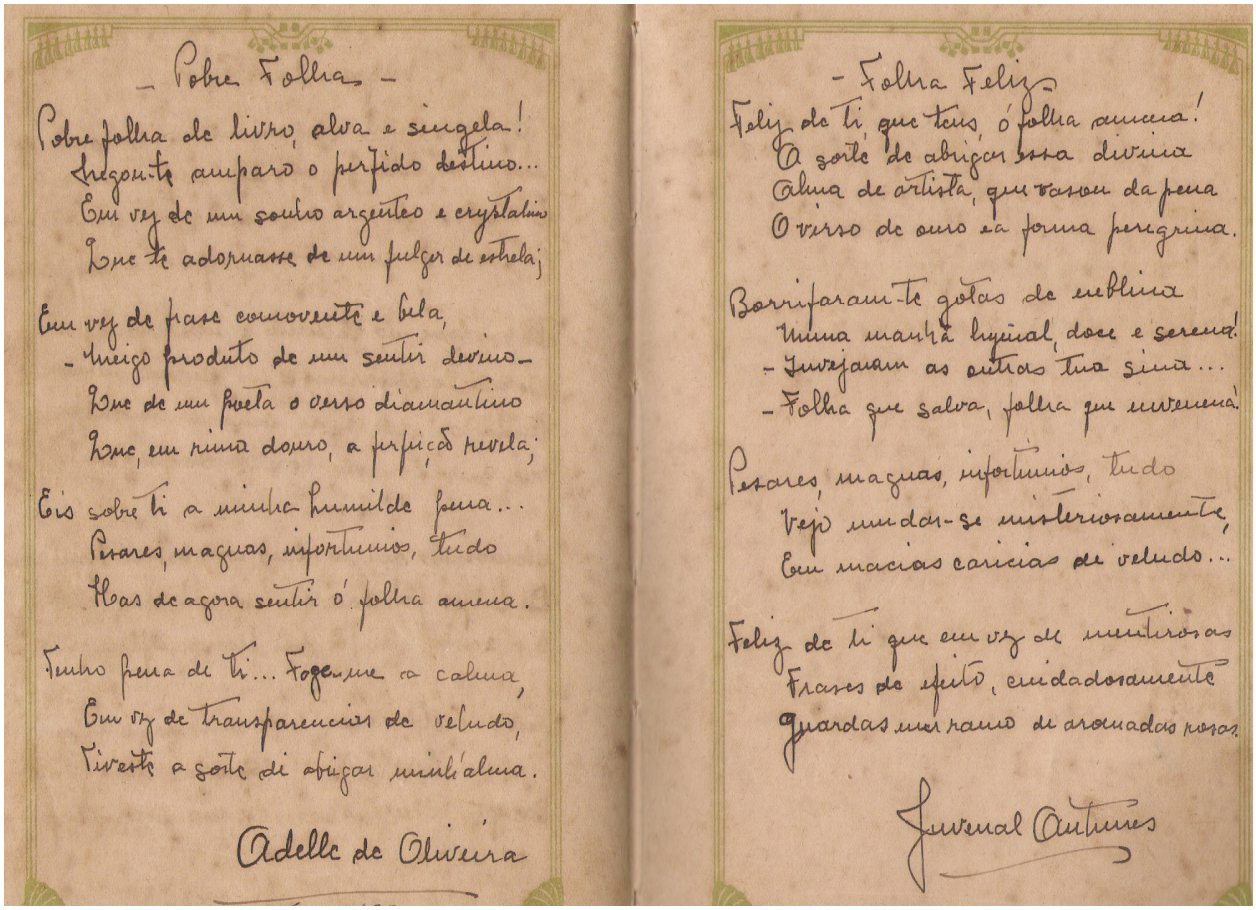
Chamei-o em vão, em vão beijei-lhe a face fria
sempre o mesmo silêncio e a mesma agonia

> Que martírio, meu Deus. Que horror, que desconforto,
> cruel desilusão, meu pai jazia Morto.

Um poema simples, escrito por uma moça de quinze anos diante da morte do pai e do inevitável sepultamento deste no mar, que retrata, talvez, a primeira grande dor, dentre as muitas pelas quais a poetisa estava fadada a passar.

Em Ceará-Mirim, órfã, e sem mesmo um corpo para enterrar, sem um túmulo onde rezar e depositar flores, Adelle sente seu mundo desabar, porém, tem que se manter forte para amparar sua desolada mãe, que jamais se recuperará da perda do marido. A família é acolhida com carinho no engenho *O Cumbe* e na ampla casa da Rua São José, pelos padrinhos de Adelle de Oliveira, Ângelo Varela e Maria Augusta, que tentam suprir todas as suas necessidades, materiais e emocionais.

Sobre a folha de papel, Adelle passa a narrar suas venturas e, principalmente, desventuras em poemas, na sua maioria sonetos à moda parnasiana, como deixa claro em *Pobre Folha.*



– Pobre Folha –

Pobre folha de livro, alva e singela!
Negou-te amparo o perfido destino...
Em vez de um sonho argenteo e crystalino
Que te adornasse de um fulgor de estrela;

Em vez de frase comovente e bela,
– Meigo produto de um sentir divino –
Que de um poeta o verso diamantino
Que, em rima douro, a perfeição revela;

Eis sobre ti a minha humilde pena...
Pesares, maguas, infortunios, tudo
Has de agora sentir ó folha amena.

Tenho pena de ti... Foge-me a calma,
Em vez de transparencias de veludo,
Tiveste a sorte de abrigar minh'alma.

Adelle de Oliveira

– Folha Feliz –

Feliz de ti, que tens, ó folha amena!
A sorte de abrigar essa divina
Alma de artista, que vasou da pena
O verso de ouro e a forma peregrina.

Borrifaram-te gotas de emblina
Numa manhã hyemal, doce e serena!
– Invejaram as outras tua sina...
– Folha que salva, folha que envenena!

Pesares, maguas, infortunios, tudo
Vejo mudar-se misteriosamente,
Em macias caricias de veludo...

Feliz de ti que em vez de mentirosas
Frases de efeito, cuidadosamente
Guardas um ramo de aromadas rosas.

Juvenal Antunes

Fonte: Caderno manuscrito pertencente à poetisa Lúcia Helena Pereira.

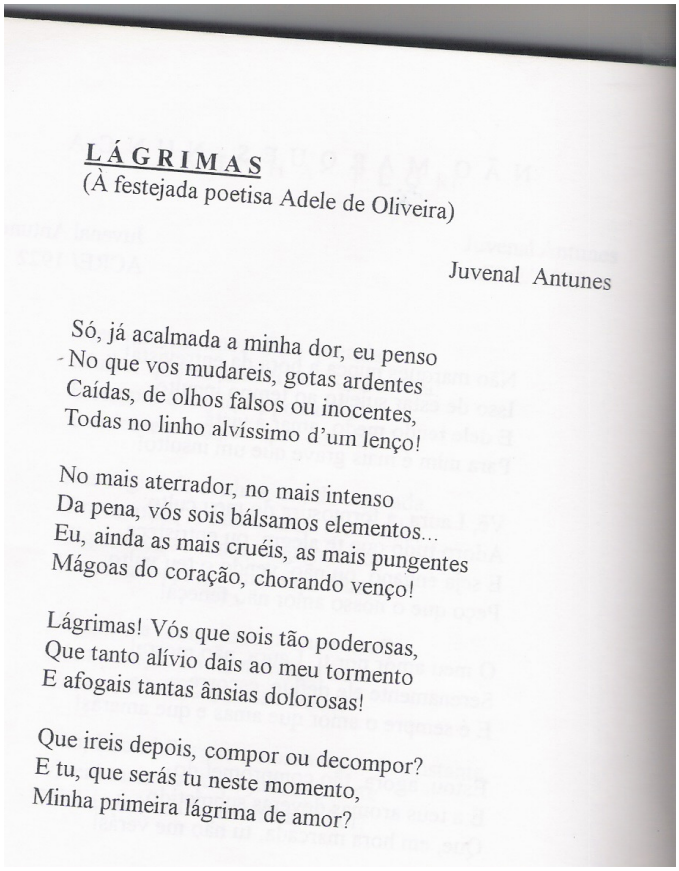
Acima, temos uma cópia de um caderno da escritora ceará-mirinense

Magdalena Antunes, com poemas manuscritos, de diversos autores, amigos desta. Nele, podemos ver o poema "Pobre folha", de Adelle de Oliveira, e a resposta a esse poema, "Folhas felizes", do poeta Juvenal Antunes, que era amigo de Adelle de Oliveira e irmão de Magdalena Antunes. O caderno encontra-se com a poetisa Lúcia Helena Pereira, neta de Madalena Antunes.

No poema resposta, o poeta Juvenal Antunes diz que a folha, apesar de abrigar a tristeza da poetisa, é uma afortunada por guardar a alma de uma artista.

Notemos o parnasianismo expresso nos vocábulos e expressões como "alva e singela" (primeiro verso), "sonho argênteo e cristalino" (terceiro verso), "fulgor de estrela" (quarto verso), "frase comovente e bela" (quinto verso), "Verso diamantino"(sétimo verso), "em rima d'ouro a perfeição revela" (oitavo verso) e a sinestesia de "transparências de veludo" (décimo terceiro verso). No nono verso do seu poema ele repete o décimo verso do poema de Adelle de Oliveira: "Pesares, mágoas, infortúnios, tudo".

Em outro poema, "Lágrima", encontrado no mesmo caderno, Juvenal Antunes parece responder, poeticamente, à dor da poetisa pela perda do primeiro amor. Entre parênteses, um subtítulo elogioso: "À festejada poetisa Adelle de Oliveira":



LÁGRIMAS
(À festejada poetisa Adele de Oliveira)

Juvenal Antunes

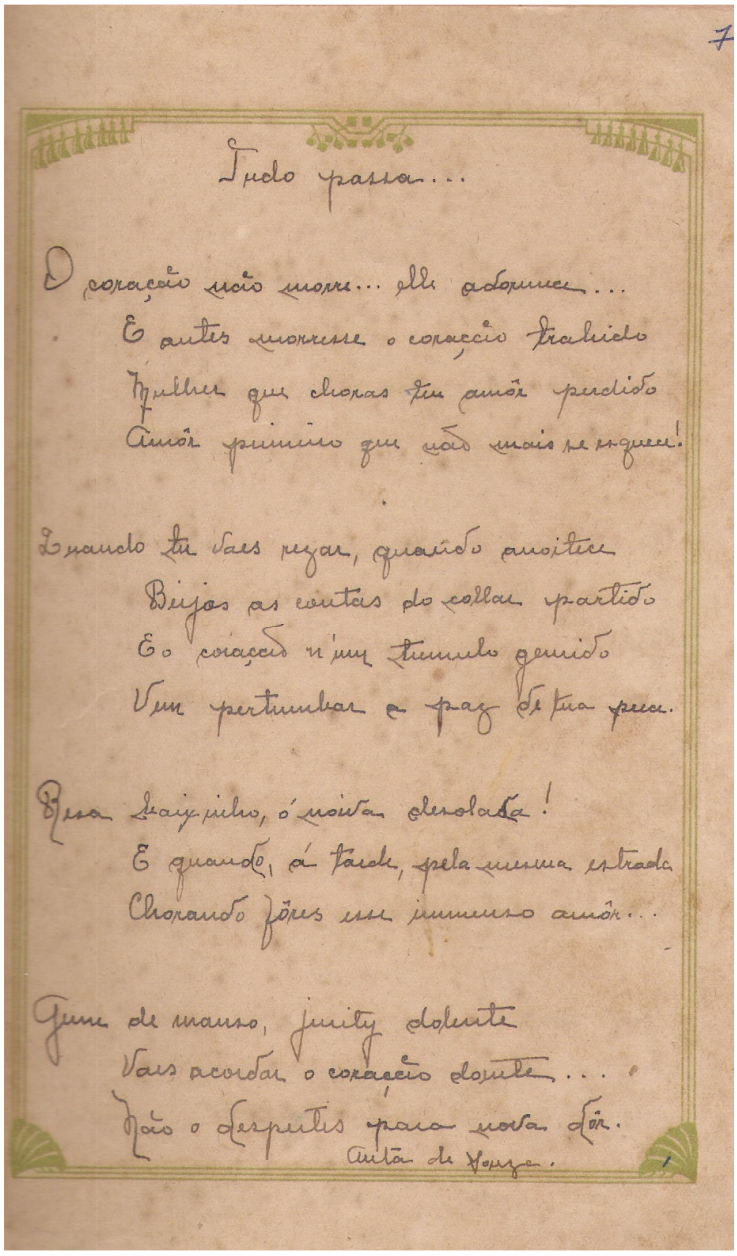
Só, já acalmada a minha dor, eu penso
No que vos mudareis, gotas ardentes
Caídas, de olhos falsos ou inocentes,
Todas no linho alvíssimo d'um lenço!

No mais aterrador, no mais intenso
Da pena, vós sois bálsamos elementos...
Eu, ainda as mais cruéis, as mais pungentes
Mágoas do coração, chorando venço!

Lágrimas! Vós que sois tão poderosas,
Que tanto alívio dais ao meu tormento
E afogais tantas ânsias dolorosas!

Que ireis depois, compor ou decompor?
E tu, que serás tu neste momento,
Minha primeira lágrima de amor?

Encontramos, ainda, no mesmo caderno, um poema de Auta de Souza, *Tudo passa...*, que, pareceu-nos, pelo tema e tratamento dado, escrito para Adelle de Oliveira. A poetisa Lúcia Helena Pereira não nos afirmou com certeza, mas disse que poderia ter sido escrito para Adelle:



7

Tudo passa...

O coração não morre... elle adormece...
E antes morresse o coração trahido
Mulher que choras teu amôr perdido
Amôr primeiro que não mais se esquece!

Quando tu vaes rezar, quando anoitece
Beijas as contas do collar partido
E o coração n'um tumulo gemido
Vem perturbar a paz de tua prece.

Reza baixinho, ó noiva desolada!
E quando, á tarde, pela mesma estrada
Chorando fôres esse immenso amôr...

Geme de manso, jurity dolente
Vaes acordar o coração doente...
Não o despertes para nova dôr.

Auta de Souza.

Tudo passa...

O coração não morre, ele adormece...
E antes morresse o coração traído
Mulher que choras teu amor perdido
Amor primeiro que não mais se esquece!

Quando tu vais rezar, quando anoitece
Beijas as contas do colar partido
E o coração num tímido gemido
Vem perturbar a paz de tua prece.

Reza baixinho, oh noiva desolada!
E quando à tarde, pela mesma estrada
Chorando fores esse imenso amor...

Geme de manso, juriti dolente
Vais acordar o coração doente...
Não o despertes para uma nova dor.

O poema fala de uma noiva abandonada, que sofre em silêncio e sufoca sua dor nas orações que faz diariamente. Essa noiva bem poderia ser a poetisa. Será?

As duas irmãs de Adelle de Oliveira casam-se cedo, logo que voltam de Belém do Pará. Mariê casa-se com Enéas Paulino, viúvo, de boa família, e Anita casa-se com Neófito de Castro Barroca, boêmio e irresponsável que, após alguns anos de sofrimentos causados à jovem esposa, a abandona. Esta volta para a casa da mãe com cinco filhos pequeninos: Zuleide, Juracy, Gisélia, José Foleto e Caubi. Os padrinhos de Adelle acolhem a numerosa família com o mesmo carinho e desvelo com que o fizeram na vinda deles de Belém do Pará. Adelle, a única solteira, ajuda a consolar a irmã Anita. Ana, mãe de Adelle, passa a ser chamada pelos netos de Mãe Naninha, Maria Augusta, de tia sinhá e Ângelo Varela de tio Ângelo ou padrinho Ângelo. Faz parte da numerosa família, ainda, Virgínia, a Virgo, filha órfã de escrava, adotada pela mãe de Adelle quando retornaram de Belém.

A morte do pai, a infindável tristeza da mãe, sempre traduzida em orações, lágrimas constantes e isolamento, e as desventuras e decepções da irmã Anita, aproximam Adelle, ainda mais, da religiosidade numa tentativa de superar a dor, "indissociada do espírito católico que alimentou passos e sonhos por toda vida" (TAVARES, 2002, p.49). Esses percalços da vida parecem ter feito da doce menina uma mulher arredia, silenciosa, reservada, que não queria ser vista. Talvez tenham surgido daí a fala sussurrante, os passos delicados e o adejar com que sua figura é sempre

descrita por seus ex-alunos e por quem a conheceu.

Juracy, sobrinha preferida de Adelle, que lecionou com ela no Externato Ângelo Varela, com o passar dos anos, e após a morte de todos os envolvidos, revela com detalhes ao esposo, o cirurgião José Tavares da Silva, um dos segredos da educadora, narrados por Ciro Tavares, seu filho, no livro *Álbum de Versos Antigos*:

> Casadas Anita e Mariê [irmãs de Adelle], fazia o gosto de Ângelo e Maria Augusta que Adelle contraísse núpcias com o sobrinho, Manoel Varella Santiago. O jovem, filho de pais humildes, recebia a proteção do parente mais afortunado que cedo lhe reconheceu a inteligência e patrocinou sua trajetória estudantil até a conclusão do curso médico. Manoel cortejou Adelle e assumiram compromisso [...] Foi como o sol passando pela vidraça. Santiago, todo tempo ausente, recebe e responde às cartas da prometida, embora dê claros sinais de contágio da cidade maior. Sabe que em Ceará-Mirim significará a morte de seus ideais. Em Natal, conhece Lourdes, a bonita e bem nascida filha do influente político Juvenal Lamartine. Divide-se entre a palavra dada ao benfeitor, que lhe concedera a mão da encantadora sobrinha e afilhada, e a paixão avassaladora pela jovem metropolitana, circulando no pretendido meio social. Procrastina suas decisões, retarda os passos habilidosamente. Com a morte de Ângelo Varela, sente-se desobrigado e rompe o compromisso (TAVARES, 2002, p. 26, 27).

De acordo com o texto supracitado, logo após retornar de Belém do Pará, Adelle de Oliveira conhece o jovem Manoel Varela Santiago e, sob a influência do seu Padrinho e admirador, Ângelo Varela, este corteja a jovem e firmam um compromisso, possivelmente no primeiro ano do século XX. Logo depois, ele viaja para a Bahia para cursar Medicina, mas mantém, de lá, correspondência com Adelle de Oliveira durante todo o período do curso, que termina por volta de 1908.

De volta a Natal, nos encontros sociais, conhece Lourdes, filha do então deputado federal, e ex-vice Governador do Estado, Juvenal Lamartine. Eles se apaixonam e o já médico Varela Santiago esfria o compromisso com Adelle. Nesse ínterim, o padrinho de Adelle de Oliveira falece e o compromisso é dado por encerrado.

É sabido que Varela Santiago vai cursar especialização em pediatria no exterior, voltando em 1917. Santiago casa-se com Lourdes e a poetisa vai extravasar sua dor em poemas e rezas e torna-se, ainda mais, uma professora esmerada, carinhosa e misteriosa.

Sobre a descoberta do amor, e a espera da noiva, Adelle de Oliveira faz um soneto, *Minha culpa* (TAVARES, 2002, p. 110), que transcrevemos a seguir:

Ontem, pobre de mim. Porque pensasse
Demais em ti, como a ninguém diria,
Vi mais de um riso ingrato de ironia
Pungir minh'alma e abrasear-me a face.

Inda ao lembrar-me a confusão renasce
E coro, e tremo como então tremia
O casto amor que sinto e que escondia,
Quis o destino, vê, que revelasse.

E foi assim: a sala cheia passa
Alguém que eu chamo docemente (era
Ali, na sala, a fina flor da graça).

Não me responde, que suplício o meu,
Em vez do nome que eu chamar devera,
Sem que soubesse murmurara o teu.

Nesse poema, que ela assina como Gaud, percebemos uma jovem descobrindo, encantada, o primeiro amor, que está distante e provoca-lhe saudades. É uma época de sonhos e esperanças de felicidades futuras.

Muitos poemas de Adelle de Oliveira falam desse amor e da dor da perda. Citaremos aqui, como exemplo, *Solar Deserto* (TAVARES, 2002, p. 117), no qual ela faz referência ao noivo perdido e aos padrinhos mortos, levados pela "desdita":

Eis deserto o solar. É bem verdade

Que tudo passa no volver dos dias,
Às ilusões, sucedem-se agonias,
Um grande amor transforma-se em saudade.

Naquelas salas houve alacridade
Num conjunto de sonhos, alegrias.
Hoje, porém, são lúgubres, sombrias,
Sem vida, sem rumor, sem claridade.

Nele habitavam descuidosos noivos
Sem pressentirem que já vinha perto
Nefasto dia, que precede os goivos.

Veio a desdita, veio a morte ao lado.
Mas, o solar, quem sabe? Hoje deserto,
Será depois por noivos habitado.

Seria esse o segredo de uma moça que sonha com um grande amor, o médico Manoel Varella Santiago, e o vê casar-se com outra e fazer-lhe visitas constantes, junto com a esposa?

João Wilson Mendes Melo (*Apud* TAVARES, 2002, p. 14-15), escritor potiguar e ex-aluno de Adelle de Oliveira, comenta a dor da sua antiga professora, ocasionada pelo rompimento do compromisso com Varela Santiago. Dor que a poetisa carrega, como uma cruz, por toda sua vida:

> Seu ambiente: a longa rua em que morava deixava-a no coração da cruz que se formava quando a mesma rua cruzava a linha férrea da Rua Grande. Figurativamente, ela conduzira essa cruz por toda vida, desde o instante em que o seu grande amor se desfez. Daí em diante, somente via encruzilhadas, caminhos que conduziam a nada e que cruzavam com um outro igual; via somente o que tortura o caminhante: tempestades, noites escuras sem alvorada (MELO, apud TAVARES, 2002, P.14).

O ex-aluno de Adelle de Oliveira conclui com uma afirmação que resume, sob seu ponto de vista, o que foi a vida da professora:

> Assim viveu anos a fio, décadas seguidas, até que, na metade da nona década, deixou a vida que a atormentava para receber, certamente, a compensação prometida pelo sofrimento aceito e vivido sem protesto, apenas com alguns lamentos (MELO, apud TAVARES, 2002, P.14).

Nesse fragmento se sobressai o pensamento judaico-cristão do sofrimento redentor e que assegura uma vida de glórias no porvir.

Outro detalhe sobre Adelle de Oliveira é que ela se negava irredutivelmente a tirar fotografias, o que explica não encontrarmos nenhuma foto sua, adulta, durante nossas pesquisas, embora as pessoas sempre a descrevam como uma moça franzina, de cabelos pretos e lisos e belas feições pequenas e delicadas, que andava sempre vestida elegantemente.

Nilo Pereira, dentre muitos outros, fala da "indisposição" de Adelle de Oliveira para ser fotografada:

> Adelle de Oliveira não consentiu em tirar a fotografia em que Gilberto Osório teria fixado o instante emocional: a professora com seus alunos, Edgar Barbosa e eu. Compreendo-lhe o gesto comovedor

> e tímido: o pudor da mestra que sempre preferiu o seu mundo interior a qualquer espécie de publicidade ou de comunicação. Mas, seu retrato ficou. (PEREIRA, 1989, p. 26).

Tentamos conseguir uma fotografia de Adelle de Oliveira. Luta vã. Todos afirmavam que ela não se deixava fotografar sob hipótese alguma. Depois, tentamos construir uma fotografia dela a partir das descrições que nos faziam e da foto de sua irmã Anita que, diziam, parecia demais com ela, sendo Adelle apenas bem mais magra e de menor estatura. Tavares (2002, p. 26) descreve as irmãs assim: "Esguias, olhos negros saltando sobre faces muito claras, cabelos curtos e lisos como se sustentados pelos ombros e feições simples, mas bonitas e extremamente delicadas"

Um aluno nosso, da UnP, Antonio Efigênio Praxedes Gurgel, que trabalha com computação gráfica, "construiu" uma fotografia para que as pessoas que com ela conviveram avaliassem e ele fosse aperfeiçoando-a. O trabalho já ficou bom de primeira. Porém, conversando com Maria das Graças Brandão Soares, Gracinha Brandão, como prefere ser chamada, ela nos convenceu a não seguir adiante com essa empreitada. Adelle se recusava a ser fotografada e conseguiu não sê-lo durante toda a sua vida. Não seria justo impor, com a nossa pesquisa, uma fotografia sua criada através da computação gráfica, por melhor que o trabalho tenha ficado.

Podemos, sim, inserir uma foto de sua irmã Anita, evidenciando que Adelle era bem mais magra, de menor estatura e não usava vestidos que deixassem o pescoço à mostra. A boca, os olhos, o cabelo eram muito semelhantes, só que num rosto mais magro.

Desta forma, estamos oferecendo uma imagem parecida com a educadora, que nos dá uma ideia de sua aparência física, de sua fisionomia sem, no entanto, contrariar sua vontade de não se deixar fotografar:

Fonte:Tavares, 2002, p.147

Além disso, temos uma fotografia de Adelle de Oliveira, com seu pai, sua mãe e as duas irmãs, com cerca de cinco anos. Essa foto, que abre este texto, nos foi cedida pelo historiador ceará-mirinense Gibson Machado e pode nos dar uma ideia do que será a moça e a mulher Adelle de Oliveira.

Duas afirmações, repetidas por seus ex-alunos, em entrevistas ou nos livros por estes publicados, assim como pelas pessoas de Ceará-Mirim, que a conheceram ou ouviram falar sobre Adelle de Oliveira, nos chamaram a atenção: Ela era, intelectualmente, muito à frente do seu tempo, mas muito tradicional e severa no seu comportamento pessoal. Era totalmente arredia a tirar fotos, vestia-se muito elegantemente, com vestidos de decotes fechados que cobriam o pescoço. Os vestidos eram compridos e complementados por meias de algodão que protegiam as pernas e, por esse motivo, ninguém jamais teria visto os seus joelhos.

A poetisa era uma moça que, causando muito espanto na população, dirigia um *Jeepp*, o único automóvel existente no Vale do Ceará Mirim, na época, e fundou um

externato para meninos e meninas, onde ela era professora, diretora, inspetora, porteira e zeladora. Uma moça que, aos vinte e um anos, cria e dirige um jornal manuscrito, *O Sonho,* levando algumas mulheres do Vale do Ceará-Mirim, Recife e Belém a participarem da vida intelectual e política da cidade, através dos textos.

Em entrevistas com Maria das Graças Brandão Soares e com Maria Ângela Varela de Alencar, descobrimos uma Adelle de Oliveira que adorava plantas, principalmente rosas, e conversava com elas todos os dias, enquanto cuidava pessoalmente dos canteiros. Uma moça que comia muito pouco, com frugalidade, sentada a um canto da mesa, silenciosa e serena, que tinha voz melodiosa, doce e calma e um andar sem barulhos de passos, uma poetisa que adejava.

Adelle de Oliveira era, ou tornou-se, uma pessoa extremamente discreta e de uma "simplicidade irritante", como frisa Gumercindo Saraiva em artigo publicado na *Tribuna do Norte*, em Natal, datado de 13 de março de 1983, intitulado "Adelle de Oliveira: feminista quase inédita".

Gumercindo Saraiva fala, ainda, em correspondência mantida com intelectuais paraenses "onde seu nome era muito conhecido". O que isso quer dizer? Conhecida como poetisa, educadora ou mulher? Embora não possamos afirmar com certeza, temos pistas sobre essa citada correspondência.

No jornal *O Sonho,* Jornal manuscrito criado e mantido pela poetisa, em Ceará-Mirim, de 1904 a 1909, temos a colaboração constante, e sempre muito elogiosa para a poetisa, de mulheres paraenses como Alayde Ottone, Jacyra, Jandyra e Iêricê. Seriam essas as correspondências de que Gumercindo Saraiva fala?

Outra pista sobre essa correspondência quem nos dá é Siqueira (2000). Segundo ele, em setembro de 1911, Ezequiel Antunes, irmão de Juvenal Antunes, poeta e amigo de infância de Adelle, vai servir no Hospital de Guarnição de Belém levando consigo o irmão, Juvenal Antunes, que preocupava muito a família por seu comportamento excessivamente boêmio. Juvenal, no entanto, passa pouco tempo em Belém e muda-se para Sena Madureira, no Acre, Norte do Brasil, onde faz história tornando-se, inclusive, membro da Academia Acreana de Letras e proclamado Príncipe dos Poetas Acreanos. Em 1914, Juvenal volta ao Vale do Ceará-Mirim de férias e passa a visitar, regularmente, a família e os amigos de boemia, a cada ano. Morre em 30 de abril de 1941, aos 58 anos, solteiro e sem ver publicado seu último livro, *Cartas a Laura.*

Juvenal Antunes, como dissemos, era amigo de infância de Adelle. É sabido

que ela manteve correspondência constante com ele, mesmo depois que este vai morar no Acre. Será a esse intelectual, e ao próprio Ezequiel Antunes, que Gumercindo Saraiva faz referência?

Gumercindo Saraiva, no já citado artigo, sugere uma outra paixão, também não concretizada, de Adelle de Oliveira, ao falar do seu poema "Ironia"*:*

> Trata-se de um clássico da poesia norte-rio-grandense, Adele de Oliveira compôs o soneto, com um pouco de mágoa, pois desejava que o amigo demorasse mais em sua presença. Diziam até que era um amor incubado, sem jamais efetivá-lo, visto que, apenas por correspondência, trocavam beijos e abraços. É que o personagem residia bem ao norte do Brasil e, quando retornava à terra, emaranhava-se na boemia, juntamente com Prisco Rocha, Macuca, Gabriel Saraiva, Chico de Lima, dr. Oscar Brandão e alguns notívagos, cantando modinhas, acompanhadas por violões dolentes e flautas de sons aveludados. O enamorado, não resistindo à tentação dos amigos que o esperavam no pátio da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, teria dito – a Adele – começa o soneto. Eu vou embora, antes que chova. E ela, que de perto dele sempre estar queria, o espaço olhou com perplexão singela, nem uma nuvem no espaço havia. Segundo Adele de Oliveira, o seu amigo morreu solteiro, no ano de 1941, em Manaus, sem poder publicar o seu último livro "Cartas a Laura...".

Pelas informações presentes no texto, parece ficar evidente tratar-se de Juvenal Antunes, poeta, irmão de Madalena Antunes e Ezequiel Antunes e amigo de infância de Adelle. É com ele que ela mantém correspondência? Correspondências amorosas ou de amizade?

A poetisa Lúcia Helena Pereira nos informou possuir parte da correspondência trocada entre Adelle de Oliveira e Juvenal Antunes. Porém, não nos foi possível ter acesso por tratar-se, segundo a poetisa, de cartas íntimas.

Quanto ao poema, transcrito a seguir, em conversas com Maria das Graças Brandão Soares e com Maria Ângela Varela de Alencar, estas nos garantiram ter sido escrito para o noivo Manuel Varela Santiago, durante uma de suas visitas de férias da Faculdade de Medicina da Bahia. O poema era motivo de conversas entre elas, quando jovens:

IRONIA

Eu vou-me embora antes que chova. E ela,
que perto dele estar sempre queria,
o espaço olhou com expressão singela...
nem uma nuvem pelo espaço havia

De quando em quando na azulada tela
uma estrela, luzindo, aparecia.
Fora, talvez, para ofendê-la, aquela
frase cruel que tanto lhe doía

Fora de certo. Não valia a pena
amá-lo tanto. Louca! Ela o condena
e olhando o céu como implorando calma

viu mais estrelas pelo céu fulgindo,
qual se estivessem murmurando e rindo
da tempestade enorme de sua alma.

Vemos aqui uma moça apaixonada, que deseja ardentemente ficar junto do seu amado, e ele tenta se afastar criando desculpas. "Não valia a pena amá-lo tanto", ela bem sabia. Porém, sofre e pede ajuda à natureza, que também parece dela zombar.

Adelle parece responder sempre aos percalços da vida com um poema. Suas dores, sonhos, alegrias, temores, dúvidas, tudo vira poesia e fica registrado sobre a folha de papel.

Tavares (2002, p. 33-34) fala do exílio voluntário a que a poetisa se submetera, na sua própria casa e terra e que, segundo ele, teria sido, afinal, a razão maior de sua morte, já na lucidez dos seus 85 anos:

> Prisioneira dessa sentença inexorável que é o tempo, Adelle caminhou na direção de sua encruzilhada de estrelas como se fosse uma vela sendo consumida lentamente pela chama, para tombar devagarinho, tal o pequeno príncipe de Exupéry.[...] Dia após dia, convenço-me de que as saudades, mãos entrelaçadas à solidão, decorrentes das ausências dos parentes e amigos habitando novas dimensões, da cidade que se esvaziou – "o que devia ter sido a vida

> inteira e que não foi" – para terminar transformada apenas em gravura, à água-forte, da terra desolada, significaram seu ocaso e seus derradeiros dias.

Quanto à sua formação, pelas nossas pesquisas em jornais e documentos, e entrevistas com familiares e amigos, podemos afirmar que ela possuía apenas as primeiras letras, recebidas de professores particulares no tempo em que morou em Belém do Pará. Era autodidata. Gostava muito de ler e buscava livros dos mais diversos tipos. Recebia-os de amigos de Recife, Belém do Pará, Natal e da sua própria cidade.

Mesmo com todo estímulo dado à formação dos professores, com a instalação dos Grupos Escolares, em 1908, com a Reforma Pinto de Abreu e com todas as transformações pelas quais passou o ensino primário no Rio Grande do Norte, nas três primeiras décadas do século XX, Adelle de Oliveira não buscou especialização. Não frequentou a Escola Normal, como a maioria das moças professoras do seu tempo, e continuou lecionando no externato fundado e mantido na Rua São José até um pouco antes de 1940.

2. Uma poetisa que adeja

> O ineditismo na vida intelectual de Adelle de Oliveira é um fato que deveria ser estudado separadamente, visto que há muitas versões e, mesmo depois de muitas entrevistas, ela jamais revelou (SARAIVA, 1983, p. 03).

Ao referir-se à poetisa parnasiana, Ciro Tavares observa que:

> Mesmo desconhecendo a técnica da "mobilidade das cesuras" [...], além das dificuldades para conseguir as obras de seus autores prediletos (únicas fontes do aprendizado na sua formação cultural), constituiu-se, sem dúvida alguma, na mais completa e rica poeta parnasiana do Rio Grande do Norte. (TAVARES, 2002, p. 23).

Gumercindo Saraiva corrobora essa afirmação de Ciro Tavares:

> Da cultura norte-rio-grandense, salientava o nome de alguns poetas de sua terra, dando destaque a Juvenal Antunes com quem mantinha uma amizade partida da infância. Mas, na intimidade, não aceitava o humor da poesia do amigo, abusando, como todos sabem, da riqueza possuída em sua cultura poética. Duvido que tenha havido no Rio G. do Norte outro poeta do timbre de Juvenal Antunes, escrevendo prosa e verso, com uma linguagem cristalina, pura, sem mancha. Como é sabido, somente com o movimento modernista de 1922, houve uma ligação entre a poesia e o humor, cuja separação e rompimento vieram com o advento do romantismo, parnasianismo e simbolismo, proibindo terminantemente resquícios de ironia na estrutura de seus estilos. Adele de Oliveira, vivendo intelectualmente na fase do modernismo, jamais aceitou essa doutrina, como diziam, nascida para acabar com o academicismo e com os poderes para a criatividade brasileira. (SARAIVA, 1983, p. 03).

Encontramos alguns textos em livros e jornais que se referem à educadora e poetisa da "briosa terra".

Citamos, como exemplo, o texto de Carrilho (1917), publicado em um jornal de Ceará-Mirim, *Correio da Semana*, em 25 de dezembro de 1917, intitulado "Uma eleita das musas". Nesse artigo, Carrilho faz uma análise da poesia adeliana classificando-a como parnasiana.

> Não faz parte dessa milícia estranhamente produtiva a delicada e imaginosa poetisa Adelle de Oliveira, uma das figuras femininas que mais honram e enobrecem as tradições mentais do Rio Grande do Norte. O verdadeiro feitio artístico é, sem dúvida, o Parnasiano lírico. Por isso que a autora de "Ignota Saudade", primorosa poesia publicada no *Correio*, alia à emoção suavemente sentida dos seus versos, um instintivo e sincero culto à forma (CARRILHO, 1917, p. 12).

Saraiva (1983) publica dois textos sobre Adelle de Oliveira, em épocas diferentes, na *Tribuna do Norte*, em Natal. Em um deles, afirma:

> E, de uma simplicidade fora do comum, podemos afirmar que Adelle de Oliveira vivia escondida para a cultura potiguar. Não publicava seus poemas, não dava entrevistas, trocava de assunto quando alguém perguntava-lhe acerca de correspondência mantida na juventude, com intelectuais paraenses onde seu nome era muito conhecido (SARAIVA, 1983, p. 03).

O outro texto é de 26 de julho de 1987, intitulado *Contribuição da mulher à cultura norte-rio-grandense.* Tivemos notícias desse texto através do livro das pesquisadoras da literatura norte-rio-grandense Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo e Constância Lima Duarte (2001). No entanto, em pesquisas no jornal *Tribuna do Norte* não conseguimos localizar o exemplar do jornal da referida data.

Encontramos algumas referências a Adelle de Oliveira também em livros. Ezequiel Wanderley (1922) publica o livro *Poetas do Rio Grande do Norte,* onde traz o poema "Ironia", que aparece com outro título, *Nem uma nuvem pelo espaço havia,* e uma breve biografia de Adelle de Oliveira, onde sua data de nascimento é citada somente como o ano de 1885.

O referido poema, segundo o texto de Gumercindo Saraiva, da *Tribuna do Norte* de 13 de março de 1983, seria dirigido a Juvenal Antunes por quem a professora mantinha uma paixão platônica. Porém, segundo nossas entrevistas com Graça Brandão e Maria Ângela Varela de Alencar, o poema era dedicado a Manuel Varela Santiago, com quem ela manteve um compromisso verbal. As duas entrevistadas afirmam que o poema era motivo de conversas em família sobre o noivado rompido.

Em 1967, Rômulo Wanderley, a partir do texto de Ezequiel Wanderley, publica o volume *Panorama da poesia Norte-rio-grandense,* onde também consta uma breve biografia da autora, sem a data de nascimento, e o mesmo poema que aparece no livro de Ezequiel Wanderley.

O poeta ceará-mirinense e ex-aluno de Adelle de Oliveira, Benildes Dantas,

publica, em 1941, o seu *Canto do Canavial.* O livro de poemas traz, na página 21, um poema intitulado "Escola de D. Adelle", onde ele evidencia o fato de o Externato Ângelo Varela ser uma escola mista e fala, de forma bem humorada, da prática pedagógica da professora, das paqueras no recreio, das disciplinas estudadas, do cotidiano escolar e até da palmatória.

Montenegro (1965), na obra que nasce da sua conferência, intitulada *Itinerário Sentimental do Ceará-Mirim*, ocorrida na Academia Pernambucana de Letras (APL), em 30 de abril de 1965, afirma: "A última estação é a casa da professora Adelle de Oliveira, professora de Nilo Pereira na escola primária do Ceará-Mirim. [...] apanhando pelos caminhos pedaços da alma caídos liricamente do meu mundo perdido" (MONTENEGRO, 1965, p. 15).

Como o título do livro sugere, *Itinerário Sentimental do Ceará-Mirim*, esse é um livro de memórias. E mais ainda, trata-se de uma visita para reviverem, juntos, as memórias do amigo Nilo Pereira, que havia narrado o seu passado em Ceará-Mirim para o amigo Montenegro e este o incorporou como suas memórias e faz o itinerário sentimental, como se tivesse, ele mesmo, vivido a infância naquele lugar e estudado com Adelle de Oliveira.

Marta Barbosa (1999) escreveu uma monografia de conclusão do Curso de Pedagogia, pela UFRN, intitulada *Adelle Sobral de Oliveira: poetisa e educadora no Vale do Ceará-Mirim (1884-1969),* na qual ela faz um levantamento biográfico da professora e poetisa.

Em 2001 foram lançados os livros *Literatura do Rio Grande do Norte – antologia* e *Literatura Feminina do Rio Grande do Norte: de Nísia Floresta a Zila Mamede - antologia,* ambos das autoras Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira de Macedo. O primeiro traz duas laudas com uma breve biografia de Adelle de Oliveira e alguns poemas. O segundo, com uma lauda e meia, traz uma biografia comentada e trechos de dois artigos de jornal sobre a poetisa, um de Alberto Carrilho e outro de Gumercindo Saraiva, já citados neste trabalho.

Em 2002, é lançado o livro *Álbum de versos antigos,* de Ciro José Tavares, trazendo oitenta e seis poemas de Adelle de Oliveira e nove depoimentos sobre a citada autora. Este livro é considerado um resgate e uma homenagem à professora do Vale do Ceará-Mirim. Um livro que Adelle sonhou ver publicado, tinha-o pronto já desde muitos anos, mas partiu sem realizar mais esse sonho.

O texto de abertura do livro, "Palavras para a primeira página do teu livro", é da amiga e conterrânea Etelvina Antunes de Lemos. Foi escrito em Ceará-Mirim, em 07 de novembro de 1907, a pedido da própria Adelle de Oliveira, e serviria de prefácio para aquele que seria seu primeiro livro. Um texto quase tão antigo quanto os poemas que compõem o livro e que deixa evidente o desejo e a intenção da professora em ver suas poesias publicadas.

Etelvina Antunes começa seu texto assim, dirigindo-se a Adelle: "Se a todos fosse dada, como a ti, a suprema ventura de traduzir, em palavras, a muda expressão do coração, não me sentiria, de certo, tão confusa ante o teu pedido de duas palavras para a primeira página do teu livro," [...] (TAVARES, 2002, p. 11).

Adelle de Oliveira não deixou arquivos pessoais que servissem, por si só, de fonte de pesquisa. Não publicou livros, não se permitiu fotografar, nem guardar o material didático utilizado no seu externato para futuras pesquisas. Pelo contrário, deu ordens expressas para que queimassem tudo após a sua morte.

> Os originais chegaram às minhas mãos através da fidelíssima Nestorina, feita guardiã, com recomendações para incinerá-lo após a sua morte [...] Paralelo a esse, outro fato aumenta ainda mais minhas suspeitas. O de Natércia Varella, por sugestão de suas irmãs e primas, ter entregado à minha responsabilidade os originais de O Sonho (TAVARES, 2002, p. 33).

Perrot (1987, p. 09) afirma que o ato de queimar arquivos pessoais era comum às mulheres, habituadas que eram a manterem suas intimidades em completo sigilo. O

fogo era uma espécie de purificação através do apagamento dos rastros de sua existência:

> A imagem das mulheres ateando fogo aos seus cadernos íntimos ou a suas cartas de amor no final de suas vidas sugere a dificuldade feminina de existir de outro modo que no instante fugaz da palavra e, por consequência, a dificuldade de recuperar uma memória que não deixou rastros.

Almeida (1998, p. 47) corrobora a afirmação de Perrot evidenciando as dificuldades, ainda tão presentes, nas pesquisas historiográficas sobre as mulheres quando afirma: "Assim, muitos legados foram destruídos pelas mesmas mãos que os preservaram. Enquanto a história oficial preservou os arquivos e, através deles, os feitos masculinos, as mulheres eliminaram os seus...".

Essa característica de intensa reserva da professora transforma a pesquisa em atividade de detetive ou arqueólogo, que busca, nos rastros deixados pelos antecessores, uma pista, um sinal, uma deixa para a construção, ou reconstrução, de sua trajetória. Mas, não é disso que são feitas as pesquisas? De seguir indícios e sinais que nos levem à reconstrução do nosso objeto e da sua historiografia?

Segundo os paradigmas do saber indiciário (GINZBURG, 1989, p. 143-273), é na investigação dos pormenores, negligenciados pela maioria dos pesquisadores, que residem as revelações mais surpreendentes sobre o objeto. Portanto, nossa pesquisa almeja fazer parte dessa literatura sobre Adelle de Oliveira, contribuindo para futuros estudos e para complementar mais um quadro na historiografia da Educação do Rio Grande do Norte. Outro aspecto da vida de Adelle de Oliveira que merece, também, um artigo dessa natureza é a criação e manutenção do jornal manuscrito, *O Sonho*, que circula em Ceará-Mirim, de 1904 a 1909. Mas, isso é assunto para o próximo texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação*: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.

BOTTON, de Alain. *Nos mínimos detalhes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

BOURDIEU, Pierre A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Morais (Coordenadoras). *Usos e abusos da história oral***.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CARRILHO, Alberto. Uma eleita das musas, Ceará-Mirim: *Jornal Correio da Semana*, Ano I, n. 52, p. 12, de 25/12/1917.

DANTAS, Benildes. Canto do canavial. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1941.

DUARTE, Constância L; MACÊDO, Diva M. C. Pereira de. (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte***:** antologia. 2. ed. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria do Estado da Tributação, 2001.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEVILLAIN, Phillippe. Os protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. *Por uma historia política***.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 141-184.

MONTENEGRO, Francisco. *Itinerário sentimental do Ceará-Mirim.* Recife: Imprensa Oficial, Coleção concórdia, 1965.

PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim.* 3 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1989.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história***:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Práticas da memória feminina***.** Revista Brasileira de História (São Paulo), n. 18, v.09, ago.-set., 1987.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2005.

SARAIVA, Gumercindo. Adelle de Oliveira: feminista quase inédita. Natal, *Tribuna do Norte*, p. 03, 13 de março de 1983.

SIQUEIRA, Esmeraldo. *Juvenal Antunes, o inolvidável boêmio*. 2. ed. Acre: [s.n], 2000.

TAVARES, Ciro José. Org. *Álbum de versos antigos*. Natal/RN: [editora?], 2002.

WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte.* Recife/PE: Imprensa Industrial Juarez da Fonseca,1922.

WANDERLEY, Rômulo. *Panorama da poesia norte-rio-grandense.* Rio de janeiro: Edições do Val Ltda, 1967.